

A SERPENTE COMO ARQUÉTIPO DO MAL NA ESCRITURA SAGRADA E NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

THE SERPENT AS AN ARCHETYPE OF EVIL IN SACRED SCRIPTURE AND CONTEMPORARY CULTURE

Eduardo Santana Moreira¹

RESUMO

Este artigo explora a metáfora conceptual da serpente como símbolo de traição, manipulação e falsidade utilizando uma análise comparativa entre textos bíblicos e produções contemporâneas como *memes*, manchetes de jornais entre outros gêneros. O estudo tem como base as teorias de Lakoff e Johnson (1980) sobre a metáfora conceptual e investiga como essas metáforas moldam a percepção da realidade nas interações sociais e culturais revelando o impacto da serpente como arquétipo do mal. Por fim, a pesquisa evidencia que, a serpente, como símbolo de falsidade e manipulação ultrapassa os limites da narrativa bíblica e se insere de forma marcante na linguagem cotidiana — seja em *memes*, discursos públicos ou postagens nas redes sociais. A análise das metáforas envolvendo a figura da serpente demonstrou como a linguagem metafórica não apenas molda, mas também reflete os valores e crenças da sociedade consolidando metáforas conceptuais como SERPENTE É TRAIÇÃO, SERPENTE É MANIPULAÇÃO e SERPENTE É FALSIDADE, que dão origem a diversas expressões metafóricas no uso social da linguagem.

Palavras-chave: Escritura sagrada, Linguística cognitiva, Metáfora conceptual, Serpente.

ABSTRACT

This article explores the conceptual metaphor of the serpent as a symbol of betrayal, manipulation and falsehood through a comparative analysis of biblical texts and contemporary productions such as memes, newspaper headlines and other genres. The study is grounded in the conceptual metaphor theory proposed by Lakoff and Johnson (1980) and investigates how these metaphors shape the perception of reality in social and cultural interactions revealing the serpent's impact as an archetype of evil. Finally, the research highlights that the serpent, as a symbol of falsehood and manipulation, goes beyond the boundaries of the biblical narrative and

¹ Doutorando no programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense(UFF).E-mail:eduardo.santana3@yahoo.com.br.Lattes:http://lattes.cnpq.br/5204656934072546. Orcid:https://orcid.org/0000-0002-9840-5625.

becomes a prominent element in everyday language — whether in memes, public discourse or social media posts. The analysis of metaphors involving the figure of the serpent demonstrated how metaphor language not only shapes but also reflects the values and beliefs of society consolidating conceptual metaphors such as SERPENT IS BETRAYAL, SERPENT IS MANIPULATION and SERPENT IS FALSEHOOD, which give rise to various metaphorical expressions in the social use of language.

Keywords: Cognitive linguistics, Conceptual metaphor, Sacred scripture, Snake.

1 Apresentação

O texto sagrado narra que, antes mesmo do surgimento da sociedade humana, do *Homo sapiens* ou da concepção do pecado, uma voz ressoou das alturas celestiais proclamando: “Haja luz; e houve luz.” (Gênesis 1:3). Esse momento inicial marcou a organização do caos primordial ao transformar a terra sem forma e vazia em um mundo ordenado. Em seguida, a mesma voz divina proclama: “Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie: gado, répteis e feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi” (Gênesis 1:24). Por meio desse ato verbal, estabelece-se uma distinção entre o dia e a noite sobre a face da Terra, bem como a criação das bestas-feras que nela habitam.

Entre as criaturas formadas no Jardim do Éden, a serpente destacou-se por sua astúcia sendo capaz de persuadir a primeira mulher a violar a ordem divina e consumir o fruto proibido. Esse episódio fundante consolida a serpente como símbolo de manipulação e traição na sociedade estabelecendo associações metafóricas que reverberam até os dias atuais.

Este artigo fundamentado na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), conforme proposta por Lakoff e Johnson (1980), explora a rede conceptual que vincula a serpente a atributos como (i) falsidade, (ii) manipulação e (iii) traição. A partir de uma análise de versículos bíblicos, manchetes jornalísticas, *memes* contemporâneos e postagens diversas, busca-se compreender como a metáfora conceptual contribui para a construção de realidades sociais e culturais.

Espera-se que essa abordagem revele a capacidade da metáfora de moldar a percepção da realidade, ao mesmo tempo em que evidencia o papel da serpente como símbolo arquetípico na linguagem e no imaginário coletivo. A metáfora, ao estruturar nossas formas de pensar, não apenas reflete a realidade social, mas também participa ativamente de sua construção (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Nesse sentido, investigar a

serpente como arquétipo do mal permite compreender como representações simbólicas atravessam diferentes épocas ressignificando-se em novos contextos comunicativos.

A serpente, enquanto figura mítica e linguística, não se limita ao episódio de Gênesis. Ao longo da história, ela se consolidou como um signo cultural que condensa medos, expectativas e valores coletivos. Essa persistência de sentido pode ser compreendida sob a perspectiva da Teoria da Metáfora Conceptual, segundo a qual estruturas cognitivas pré-existentes orientam nossa interpretação de experiências e eventos. Assim, quando a serpente é metaforicamente associada a traição, falsidade e manipulação, não se trata apenas de um recurso estilístico, mas de uma operação cognitiva que reforça sistemas de crenças e práticas sociais.

2 Referencial teórico

Para compreender adequadamente o papel da metáfora na construção cultural da figura da serpente como arquétipo do mal, é necessário primeiro delinear o percurso teórico desse conceito. A seguir, abordaremos duas perspectivas centrais: a concepção clássica da metáfora, que enfatiza seu caráter ornamental e retórico, e a perspectiva cognitiva, que a compreende como um mecanismo fundamental de pensamento e estruturação do conhecimento.

2.1 Concepção clássica a respeito da metáfora

Durante séculos, a concepção clássica da metáfora prevaleceu na sociedade consolidada por meio de obras literárias e manuais didáticos, que foram ao longo do tempo ganhando espaço e sendo amplamente compartilhados nas diversas instâncias de ensino. Nesse contexto, tanto a metáfora quanto outras figuras de linguagem eram frequentemente concebidas como apenas meros recursos poéticos ou ornamentais relegados historicamente, até então, ao simples papel de embelezar a linguagem erudita (Silva, 1997).

Essa visão tradicional encontra suas raízes na Antiguidade Clássica, período marcado pelo florescimento de reflexões filosóficas a respeito do conhecimento e do significado. Aristóteles foi pioneiro ao propor um modelo teórico para a metáfora compreendendo-a como uma transferência de significado que ocorre entre conceitos

distintos. Esse paradigma influenciou profundamente a produção literária e filosófica subsequente estabelecendo a metáfora como um recurso estilístico desvinculado de um caráter cognitivo mais profundo.

Pesquisadores, como Rocha (2017) e entre outros, destacam, no entanto, que a metáfora transcende o seu uso literário atuando como um elemento dinâmico da linguagem capaz de criar e recriar sentidos na língua. Essa perspectiva mais ampla e inovadora reflete a ideia de que a metáfora não apenas embeleza o discurso, mas também desempenha um papel fundamental na construção e desconstrução de ideias no âmbito das atividades humanas.

Ullman (1964) complementa essa abordagem ao destacar que a metáfora é composta por dois elementos fundamentais: o conceito-alvo e o conceito-base unidos por uma relação de semelhança parcial. Sendo assim, quanto maior for a disparidade entre os conceitos conectados, maior será o impacto expressivo da metáfora. Essa dinâmica, segundo Cherubim (1989), reforça o poder da metáfora como mecanismo de significado ao substituir uma significação literal por outra mais elaborada.

2.2 A teoria da metáfora conceptual

O entendimento fundamental da metáfora encontra suas origens no pensamento aristotélico, que a define como uma figura de linguagem com uma função primordialmente poética ou retórica nos estudos clássicos. Segundo Vereza e Gurgel (1996), o uso de tropos, como a metáfora, desvia o sentido literal de palavras, imagens ou expressões resultando na atribuição de novos significados. Todavia, com o avanço das pesquisas em Ciências Cognitivas, a metáfora passou a ser compreendida de forma mais profunda — não apenas como uma figura de linguagem, mas como um processo essencial pelo qual os seres humanos pensam, interpretam e estruturam o conhecimento.

A TMC, proposta por Lakoff e Johnson (1980), revolucionou a maneira de entender a metáfora ao sugerir que ela não é apenas uma característica de linguagem poética, mas uma estrutura fundamental de pensamento. A metáfora, segundo os autores, faz parte do nosso raciocínio cotidiano e molda o modo como percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor.

Os linguistas acrescentam ainda que ela estaria situada no nível conceitual ou cognitivo, desfazendo-se do rótulo que lhe foi atribuída de figura de linguagem para assumir o papel de pensamento: processo por meio do qual experiências são estruturadas cognitivamente a partir de outras já existentes no nível conceitual. Haveria, deste modo, uma superposição de um conceito já incorporado e linguisticamente determinado a uma outra experiência a ser mapeada pelo pensamento e linguagem.

A metáfora não é, portanto, uma simples figura de linguagem isolada da realidade, mas uma forma fundamental de pensamento. Os conceitos metafóricos que usamos no cotidiano como TEMPO É DINHEIRO ou AMOR É UMA VIAGEM não apenas embelezam a linguagem, mas revelam como estruturamos nossas experiências cognitivas e compreendemos o mundo, conforme demonstram os exemplos (1), (2) e (3):

(1) “Em terra onde tempo é dinheiro, inimigo é a pressa e a falta de afeto...”

(<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/em-terra-onde-tempo-e-dinheiro-inimigo-e-a-pressa-e-a-falta-de-afeto>)

(2) “Tempo é dinheiro (literalmente): velocidade de execução se liga ao resultado do trade”

(<https://tradenews.com.br/tempo-e-dinheiro-literalmente-velocidade-de-execucao-se-liga-ao-resultado-do-trade/>)

(3) “Dia Nacional da Visibilidade Lésbica: CPERS celebra o amor e a jornada de resistência das mulheres lésbicas”

(<https://cpers.com.br/dia-nacional-da-visibilidade-lesbica-cpers-celebra-o-amor-e-a-jornada-de-resistencia-das-mulheres-lesbicas/>)

Lakoff e Johnson (1980) argumentam que as metáforas são um fenômeno onipresente que estrutura a nossa experiência de forma fundamental. Elas surgem de nossa interação com o mundo físico, social, emocional e permitem que compreendamos uma série de experiências e/ou sentimentos complexos em termos de conceitos mais simples. Um exemplo clássico desse fenômeno é o uso da metáfora do caminho para representar ideias de progresso ou destino em diferentes culturas. Nelas, a vida humana

é frequentemente concebida como uma jornada marcada por obstáculos e escolhas de direção, como ilustram os exemplos (4) e (5):

- (4) “Trump diz estar feliz com a maneira como os EUA estão caminhando”
(<https://www.folhadoprogresso.com.br/trump-diz-estar-feliz-com-a-maneira-como-os-eua-estao-caminhando/>)
- (5) “‘Mundo caminha para futuro distópico de guerras e desinformação’, alerta Alto Comissário da ONU”
(<https://www.ihu.unisinos.br/643449-mundo-caminha-para-futuro-distopico-de-guerras-e-desinformacao-alerta-alto-comissario-da-onu>)

Ademais, a metáfora está intrinsecamente ligada à nossa visão de mundo e aos valores culturais que perpetuamos. Cada cultura, portanto, pode ter suas próprias metáforas fundamentais, que ajudam a moldar a percepção de seus membros sobre o que é importante ou verdadeiro. Em diversas tradições culturais, a serpente é frequentemente associada ao mal, à traição e, até mesmo, à falsidade, em razão de seu comportamento furtivo — esconder-se e atacar de forma sorrateira. Essa percepção sustenta a construção da metáfora SERPENTE É TRAIÇÃO, como observamos nos exemplos (6) e (7):

- (6) “Eu pensando em como dá o bote. depois de ter descoberto que minha amiga é uma cobra peçonhenta! (alguém mais odeia o Pétrix??) #ForaPétrix #BBB20”
(<https://twitter.com/JottapF/status/1220910086295638017/photo/1>)
- (7) “‘Ela é uma cobra que se disfarça’, dispara Juninho sobre sister”
(<https://globoplay.globo.com/v/12326545/>)

Com isto, percebemos que a metáfora não está presente unicamente nas palavras que evocamos para falar sobre traição, mas sim no conceito evocado da representação mental de serpente, o que implica ser a metáfora responsável pela estruturação de nosso sistema conceitual. Sendo assim, é totalmente possível encontrar na fala popular brasileira construções como:

Gente falsa é tipo cobra, das mais venenosas, são como leões a nos rondar todos os dias, esperando um deslize ou um duplo sentido falado para nós crucificar. Eles nos tratam muito bem pela frente a todo tempo, por traz retratam o pior e até inventam, fazem previsões errôneas em que todas elas querem te ver mal, mas isso é maldade de gente muito ruim, o veneno deles são como anzóis, só mata se você engolir. Maria, mãe de Jesus pisou na cabeça da serpente, com muita humildade e sensatez, vamos nos espelhar nela, quando o mal se apresentar sorrindo, e o que você pode fazer... Sorria de volta e peça a Deus que os-afastem sempre. Bom Dia!! (CALHEIROS, s.d.).

Outra vertente importante da teoria de Lakoff e Johnson (1980) é a noção de mapeamento. Esse conceito refere-se ao processo pelo qual um domínio conceitual (por exemplo, viagem) é projetado sobre outro domínio (como vida) por meio da transferência parcial de propriedades.

Tal mapeamento cognitivo permite que as experiências em um domínio sejam compreendidas em termos de outro, o que resulta em uma série de metáforas estruturadas como a VIDA É UMA JORNADA ou AMOR É UMA BATALHA permitindo aos indivíduos a criarem metáforas como:

A vida é uma jornada de erros e acertos, de tombos e recomeços, de derrotas e vitórias, mas principalmente de persistência, pois é ela que nos possibilita passar pela vida e deixarmos pistas de tudo que vivemos e que valeu a pena cada minuto, cada segundo e por mais difícil que pareça essa jornada, nela somos forjados a sermos melhores a cada dia para suportar todas as adversidades e aprendermos com as experiência que, da vida não se leva nada mas se deixa um legado, então não procure o sentido da vida, simplesmente dê sentido ao privilégio de viver. (BORGES, s.d.).

Além de

Acho que no fim, o amor é uma batalha de egos. Um ego querendo enfrentar o outro para tomar o poder. É assim que eu vejo. Meu ego é diariamente desafiado pelo seu, e por vezes, tem vontade de matá-lo, mas mesmo assim, mesmo desse jeito, meu ego tem mais vontade de tomar-lhe nos braços e aninhar-lhe em beijos. (AGRA, s.d.).

Exemplos como esses são facilmente disponibilizados na internet na qual as pessoas se apropriam das regras do sistema linguístico e, a partir de diferentes contextos, criam novos significados. A criação desses tipos de metáforas, segundo os autores, só é possível porque realizamos mapeamentos cognitivos e transferências entre domínios.

Portanto, a metáfora conceptual não é apenas uma característica da linguagem, mas também reflete a maneira como organizamos o conhecimento e a percepção do mundo. Assim, ao analisarmos como as metáforas estruturam nossa realidade, é

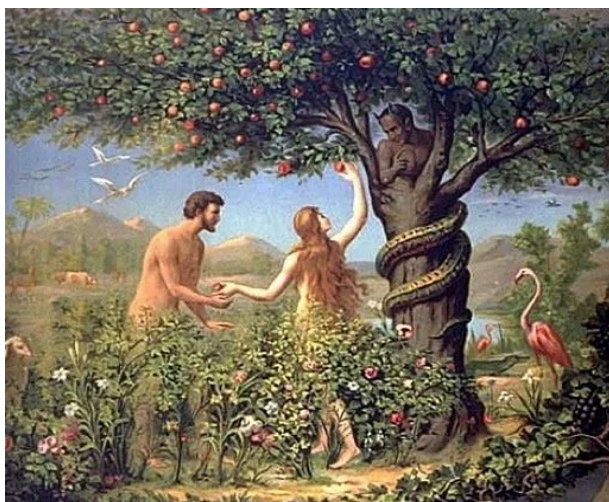
possível perceber que essas construções metafóricas não apenas embelezam o discurso, mas moldam nossas ideias, atitudes e comportamentos.

3 O mito da serpente na escritura sagrada

No âmbito das tradições religiosas, o mito da serpente figura como uma das representações simbólicas mais poderosas e recorrentes na história da sociedade. Na Bíblia, por exemplo, a serpente aparece já no livro do Gênesis, descrita como a criatura mais astuta criada por Deus, sendo responsável pela tentação e queda de Adão e Eva no Jardim do Éden. Esse episódio fundamental não apenas introduz o conceito do pecado no mundo, mas também estabelece a serpente como um símbolo central do mal e da corrupção. A partir desse momento, a imagem da serpente é associada à traição, à manipulação e à falsidade.

Como elemento categórico descrito no texto sagrado, constitui-se uma visão semiótica da qual não podemos nos esquivar: em um mundo no qual tudo é construído à base de signos, não seria, portanto, utópico conceber um ser rastejante com características humanas, como personalidade, linguagem verbal, astúcia — a ponto de enganar, dissimular, manipular e mentir.

Figura 1: Detalhe de Pecado Original, Adão e Eva no Jardim do Éden, final do século XIX.



Fonte: (Campus Teológico, 2021)

No entanto, o papel da serpente na Bíblia não se limita a essa primeira aparição. Ela continua a ser uma figura arquetípica do mal em vários outros versículos das Escrituras, especialmente no Apocalipse, no qual é identificada como Satanás, o Diabo,

o enganador de toda a humanidade. Em Apocalipse 12:9, lemos: “O grande dragão foi lançado fora. Ele é a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo. Ele e os seus anjos foram lançados à terra”. A associação da serpente com Satanás e o mal é reforçada também em outras passagens do Novo Testamento nas quais a figura da serpente simboliza a presença do mal no mundo e a luta contra o bem.

Essa representação da serpente é uma manifestação do poder simbólico dos mitos na formação do pensamento humano. Segundo o filósofo Giambattista Vico, os mitos constituem formas simbólicas que estruturam profundamente a experiência humana, oferecendo uma visão de mundo capaz de dar sentido ao que é, de outro modo, inexplicável. A serpente, enquanto figura mitológica, representa o mal de forma pura e simples sendo uma entidade capaz de seduzir, enganar e destruir.

Esse simbolismo se reflete não apenas no contexto cristão, mas também em outras religiões e culturas nas quais a serpente é habitualmente associada ao caos, à destruição e à mentira. Em algumas tradições, a serpente é vista como um ser que desafia as leis naturais e divinas indo contra a ordem estabelecida. Ela se torna, portanto, um símbolo universal do mal transitando entre diferentes culturas e narrativas religiosas.

Além disso, o simbolismo da serpente como o mal personificado também está ligado à sua natureza física. As serpentes são animais que se movem de maneira furtiva inúmeras vezes se escondendo nas sombras e atacando de forma sorrateira. Essa imagem de má intenção e engano reforça a metáfora da serpente como um ser traiçoeiro e perigoso, que age de maneira oculta e imprevista.

A figura da serpente no contexto bíblico não é meramente um símbolo de destruição física, mas também uma representação das forças espirituais que atuam nas sombras tentando desviar os seres humanos do caminho do bem e da verdade. Esse conceito é crucial para a compreensão da metáfora conceptual da serpente, pois, ao ser associada ao mal, à falsidade e à manipulação, ela começa a assumir um papel central na formação do sistema de crenças e valores das sociedades que a utilizam como símbolo.

4 Metodologia

A metodologia adotada aqui visa investigar a rede conceptual que associa à serpente aos conceitos de traição, manipulação e falsidade. Para isso, foi selecionado um *corpus* diversificado, composto por versículos bíblicos em que o termo serpente aparece de forma significativa no uso da língua, complementado por dados coletados em fontes contemporâneas, como *memes*, manchetes de jornais online e postagens em redes sociais.

A escolha desse *corpus* foi motivada pela relevância dos textos bíblicos como base de significação cultural e histórica, enquanto os dados contemporâneos ilustram a ressignificação da metáfora em contextos mais recentes. A análise foi conduzida com base em um modelo comparativo e estruturado em dois eixos principais:

1. **Atributos animais**: Referentes às características intrínsecas ao réptil, como ferocidade e postura de ataque.
2. **Atributos humanos**: Relativos às projeções simbólicas, como astúcia, persuasão e traição.

Esse modelo permitiu mapear as correspondências semânticas que fundamentam a rede conceptual investigada. Ao integrar dados de diferentes gêneros discursivos, buscamos não apenas compreender como a metáfora conceptual é empregada, mas também revelar suas implicações na construção de significados socioculturais.

5 Resultados e discussão

A figura da serpente, como já mencionado, é um símbolo de traição, manipulação e falsidade e essas associações são claramente observadas ao analisarmos as diferentes ocorrências de usos em textos bíblicos, *memes*, manchetes e outras formas discursivas contemporâneas. Ao longo desse estudo, foi possível mapear uma rede conceptual que conecta a serpente a esses conceitos negativos utilizando os métodos descritos na seção anterior.

Para dar conta da complexidade do fenômeno investigado, a seção de resultados e discussão está estruturada em três partes. Primeiro, analisaremos como a figura da serpente é representada na Bíblia identificando os principais elementos simbólicos que a associam ao mal. Em seguida, exploraremos sua ressignificação na cultura contemporânea, especialmente em mídias digitais e linguagem popular. Por fim,

discutiremos o uso da metáfora da serpente em discursos públicos revelando sua força retórica na construção de críticas sociais e políticas.

5.1 A serpente na Bíblia

No contexto bíblico, a serpente aparece como um ser que personifica a astúcia, o engano e a traição. Em Gênesis, é ela quem manipula a Eva para que esta cometa o primeiro pecado, levando à expulsão do Jardim do Éden. A narrativa de Adão e Eva no Gênesis 3:1-5 apresenta a serpente como uma figura persuasiva que questiona as ordens divinas distorcendo a palavra de Deus: “Foi isto mesmo que Deus disse: Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?”. Esse diálogo reflete a capacidade da serpente de criar dúvidas e enganos caracterizando-a como uma força de manipulação e destruição da ordem divina.

De igual modo, o simbolismo da serpente é intensificado na visão apocalíptica do livro de Apocalipse, em que ela é identificada como Satanás, o “grande dragão”, o “antigo inimigo” que engana o mundo inteiro (Apocalipse 12:9). A representação da serpente como Satanás associa o mal, a traição e a destruição à ideia de uma força cósmica maligna que busca corromper e enganar a humanidade perpetuando a noção de traição não apenas no plano humano, mas também no divino até os dias atuais.

Essa visão apocalíptica reforça ainda mais o simbolismo da serpente como uma entidade traiçoeira e manipuladora, que atua de maneira oculta, sempre com o propósito de enganar e destruir. Desse modo, a serpente, enquanto personificação do mal, contribui para estruturar a compreensão do mal no mundo e da luta espiritual entre o bem e o mal.

5.2 A serpente na cultura contemporânea

No contexto contemporâneo, a metáfora da serpente permanece amplamente empregada como representação de traição e falsidade. Nos dados analisados — especialmente em *memes* e postagens em redes sociais — a figura da serpente é recorrentemente associada a pessoas que exibem comportamentos traiçoeiros ou dissimulados, como ilustram os exemplos (8), (9), (10) e (11):

- (8) “A cobra mais venenosa é aquela que finge ser sua amiga, mas quer te ver no chão”
(<https://www.frasesdobem.com.br/frases-de-indiretas-para-amiga-falsa>)
- (9) “Da irmã de Nunes ao prefeito de Embu-Guaçu: “Cobra a gente mata. Aguarde meu irmão”
(<https://deolhonosruralistas.com.br/2024/06/27/da-irma-de-nunes-ao-prefeito-de-embu-guacu-cobra-a-gente-mata-aguarde-meu-irmao/>)
- (10) “Descobrir sua falsidade foi a melhor coisa que aconteceu! Afinal, quem gosta de cobra é o IBAMA. Perto de mim, você não chega mais”.
(<https://www.mensagenscomamor.com/frases-amigas-falsas>)
- (11) “Sarah consegue colocar Gilberto contra Juliette no BBB21: ‘Que cobra’...”
(<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/bbb/sarah-consegue-colocar-gilberto-contrajuliette-no-bbb21-que-cobra-53954>)

Essas expressões ilustram como a metáfora da serpente é empregada para descrever pessoas que fingem amizade, mas ocultam intenções traiçoeiras. Nessa representação, a serpente é projetada como um arquétipo da falsidade — alguém que se aproxima de forma sorrateira movendo-se nas sombras à espera do momento exato para atacar.

Além disso, em *memes* mais elaborados a serpente é retratada de forma mais ambígua às vezes tentando amenizar sua natureza traiçoeira com características que a tornam mais amistosa e/ou cômica. No entanto, mesmo nesse tipo de construção, a serpente não perde seu caráter simbólico de perigo e engano. A metáfora é usada, portanto, para expressar um dilema moral em que a aparência de amizade e bondade mascara a intenção de prejudicar.

Essa dualidade – a serpente como figura de engano, mas também de ambiguidade – reflete como as metáforas podem carregar múltiplas camadas de significados dependendo do contexto cultural e social em que são utilizadas. A serpente, embora tenha um simbolismo negativo fundamental, também pode ser usada de maneira

irônica ou humorística, o que revela a flexibilidade e a força dessa metáfora conceptual na linguagem contemporânea.

5.3 A metáfora da serpente em discursos públicos

Outro aspecto relevante desta análise é o uso da metáfora da serpente em manchetes jornalísticas e discursos públicos. Em contextos marcados por política, escândalos e manipulação social, a imagem da serpente é frequentemente utilizada para caracterizar figuras públicas percebidas como traiçoeiras, manipuladoras ou desonestas. Esse uso pode ser observado em diversas manchetes que denunciam comportamentos corruptos ou enganosos por parte de autoridades, como evidenciam os exemplos (12), (13), (14) e (15):

(12) “O político foi acusado de ser uma verdadeira serpente, manipulando as leis a seu favor e enganando o povo.”

(<https://x.com/Thiblandy/status/1912985193109135648?t=ZBU1Nm5AaUK9y3xecI1lzw&s=08>)

(13) “A serpente do governo revelou sua verdadeira face ao trair as promessas feitas durante a campanha.”

(<https://x.com/Thiblandy/status/1912985847189619114?t=trzIp8OkgRLwVuibmurY-A&s=08>)

(14) “Um governo peçonhento com medidas tóxicas”

(<https://outraspalavras.net/outrasmidias/um-governo-peconhento-com-medidas-toxicas/>)

(15) “Cobra venenosa, senador de meia tigela, que fez mal para o Brasil”

(<https://www.threads.net/@eunice.mari.14/post/DFJGYqwycKa>)

Essas evidências de uso da língua revelam como a metáfora da serpente é aplicada em análises críticas das ações políticas relacionando comportamentos traiçoeiros e manipuladores a uma entidade simbólica facilmente reconhecida pela

sociedade. A serpente, nesses contextos, é uma metáfora poderosa para descrever não apenas ações imorais, mas também a perda de confiança e a quebra de pactos sociais.

6 Considerações finais

O presente estudo demonstrou como a metáfora da serpente inicialmente associada ao mal e à traição no contexto religioso continua a ser uma construção cultural significativa com amplas implicações no discurso contemporâneo. A serpente, como símbolo de traição, falsidade e manipulação, transcende as fronteiras da narrativa bíblica e se insere de maneira robusta na linguagem cotidiana, seja em *memes*, discursos públicos ou reflexões culturais.

A análise das metáforas SERPENTE É TRAIÇÃO, SERPENTE É MANIPULAÇÃO e SERPENTE É FALSIDADE revelou como a linguagem metafórica não só molda, mas também reflete os valores e as crenças da sociedade. As metáforas estruturam nossa compreensão de conceitos abstratos e complexos como a moralidade, a confiança e a lealdade por meio de representações concretas e culturalmente significativas.

O estudo evidenciou que a metáfora da serpente opera não apenas como um recurso linguístico, mas como um instrumento cognitivo fundamental para a organização e compreensão da experiência humana. Ao ser associada a conceitos como traição e mal, a figura da serpente configura-se como um símbolo dinâmico, capaz de se adaptar e se reconfigurar ao longo do tempo, mantendo sua relevância em diferentes contextos culturais e históricos.

O uso persistente dessa metáfora, seja em contextos religiosos, políticos ou sociais, evidencia seu poder simbólico duradouro e sua capacidade de converter conceitos abstratos em expressões concretas e compartilháveis. Assim, este estudo contribui não apenas para o aprofundamento da compreensão das metáforas conceptuais, mas também para a reflexão sobre os modos pelos quais essas metáforas evoluem, ressignificam-se e se ajustam às demandas socioculturais de diferentes períodos históricos.

A partir desta pesquisa, investigações futuras poderão explorar outras figuras simbólicas, como o leão ou o lobo, e suas representações em distintas culturas,

ampliando a compreensão do papel das metáforas na construção de significados sociais e culturais.

Referências

- AGRA, Amanda. *Pensador*. Disponível em:
<<https://www.pensador.com/frase/NjU2NzE0/>>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- BÍBLIA. *Gênesis*. Português. In: Bíblia, Versão King James, 2024.
- BÍBLIA. *Apocalipse*. Português. In: Bíblia, Versão King James, 2024.
- BORGES, Will. *Pensador*. Disponível em:
<<https://www.pensador.com/frase/MjM1MjA3Mg/>>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- CALHEIROS, Pedriho. *Pensador*. Disponível em:
<<https://www.pensador.com/frase/MTY3MDUxNg/>>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- CAMPUS, Teológico. Disponível em:
<<https://campusteologico.medium.com/como-a-serpente-se-tornou-satan%C3%A1s-c7ea16ea33ad>>. Acesso em 17 abri. 2025.
- CHERUBIM, S. *Dicionário de figuras de linguagem*. São Paulo: Pioneira, 1989.
- GURGEL, M. C. L.; VEREZA, S. C. O dragão da inflação contra o santo guerreiro: um estudo da metáfora conceitual. *Intercâmbio*, v. 5, n. 1, p. 165-178, 2016.
- HASKELL, R. (1987). *Giambattista Vico and the discovery of metaphoric cognition*. In *Cognition and Symbolic Structures: The Psychology of Metaphoric Transformation*. Norwold: Ablex Publishing Corporation.
- HAWKES, T. (1977). *Structuralism and Semiotics*. London: Methuen & Co.
- KAPPLER, C. (1994). *Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAMA, E. C.; ABREU, A. S. (2001). *A motivação metafórica das expressões idiomáticas na interface entre o português e o espanhol*. In: ANUARIO BRASILEÑO DE ESTUDIOS HISPÁNICOS, 11, p. 53-66.

ROCHA, C. M. C. (2017). *As expressões idiomáticas: unidades lexicais metafóricas sob a perspectiva semântica*. E-Revista de Estudos Interculturais do CEI – ISCAP. n.º 5, p. 1-14.

SILVA, A. S. da. (1997). *A Linguística Cognitiva: Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística*. Revista Portuguesa de Humanidades I, Braga: Faculdade de Filosofia da U.C.P, p. 59-101.

ULLMANN, S. (1964). *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Recebido em: 21 de novembro de 2024

Aceito em: 01 de fevereiro de 2025